

JOGAR ÀS SOMBRAS: MÉTODO PARA UMA DIVERSÃO TEATRAL NA ESCOLA

Abel Neves

Nos começos de “Vamos fazer uma peça”, Sardão diz a Xíni: *Eu na peça vou ter que te dar um beijo*. Adiante, a brincadeira – porque disso se trata e estamos no teatro – é aplicar uma qualidade ao beijo: será um “beijo técnico”. Tratando-se, então e ao que parece, de uma diversão teatral com comediantes a iniciarem o seu gosto pelo teatro e em jogo dramático simples, a promissora acção ajustar-se-ia ao que poderíamos titular de “eixo dramatúrgico”, assegurando do princípio ao fim a construção do texto dramático, mas creio que é possível dizer-se com melhor propriedade que os jogadores teatrais o que procuram é agarrar sombras, as suas e as dos nomes que levam inscritos no tal jogo.

Sem o atropelo da manigância dos aparatos cénicos, muitas vezes pouco prodigiosos sobretudo quando não são necessários, e também sem praticamente a presença das didascálias, a *acção* vai entrando no tempo dos diálogos e é neles – com eles – que se vai desenvolvendo a narrativa, digamos, solta, de “Vamos fazer uma peça”, incentivando-se as falas, descontrolando-se até os sentidos, fazendo-se em muito passo a defesa do discurso aleatório com o qual

seremos ou não simpáticos, mais ou menos próximos, seguindo, ou não, a conveniência de um entusiasmo anunciado.

Poder-se-á também dizer que há disparos em muita direcção e, sim, os silvos que as falas impõem correm na audição sem que possamos muitas vezes situar as fontes virtuosas, isto é, as razões donde vieram, mas a verdade é que não nos esquecemos do jogo primeiro e fundador: comediantes numa escola aprendendo a arte de brincar com textos dramáticos.

Assumido que é o gosto pelos diálogos com desvario, dar rima a algumas frases é do interesse da diversão, e o rimação – que gosto de dizer – vai colorindo os andamentos. As personagens poderão não andar muito definidas nas suas almas e figurinos, mas essa é a exigência do espanto negociado entre todos os que decidiram aventurar-se no tal jogo: procurando interessar-se e concordar com o que diz Luazinha quase a terminar a peça: “Cada um só diz o que lhe apetece”.

Podemos, então, não ter a influência do famoso *conflito* a determinar a trama das acções dramáticas ou até a paisagem onde se movem, mas é possível encontrar sinais que nos levam a pensar num *exercício de iniciação*. Sempre as palavras dizem ou querem dizer e no espaço sinaleiro do teatro reforçam a missão e é também de crer que o *exercício de iniciação* esteja desde logo anunciado nos cinco andamentos propostos no “Plano” – Na escola, Na floresta, Inferno, Via-

gem e A festa – e as tarefas resolvem-se com o que intuímos nas voltas de cada figura e, claro, também com os diálogos, sejam eles mais ou menos elucidativos, mais ou menos retratando estados de ânimo, mais ou menos condizentes com os propósitos desejados [Luazinha: “Às vezes apetecia-me que aparecesse uma coisa diferente e eu esquecia-me de andar às voltas e quando tivesse que aparecer desaparecia.”; Flópi: “Não era para falarmos? Ainda não ouvi nada que interessasse.”; Leidi: “As vossas palavras são tão bem ditas que parecem rosas.”].

A iniciação compreende-se e justifica-se pela própria condição escolar dos armadores deste *drama juvenil*, e o que fica a saber-se é que, depois dalgumas atribulações, o próprio êxito de apresentar publicamente a experiência teatral deixou um trilha: a marca de quem quis, no teatro, valorizar o que muitas vezes, fora dele, não somos capazes de garantir e que oferece o brilho necessário à consagração dos dias mais claros, potenciando uma maior e melhor consciência da humanidade que somos.

Talvez *figuras* mais que *personagens* – se formos capazes de bem discernir o que possam ser umas e outras –, mas ambas cumprem o sublime desígnio de convidar os públicos à música, à dança, ao pensamento, à emoção presentes nesse lugar que vem de longe e que continua a encantar quem a ele vai de excursão, alimentando o lume antigo e de hoje: o teatro.

I

NA ESCOLA

TODOS

Vamos fazer uma peça! Viva, viva, eia, eia.

FILETES

Vamos fazer uma peça. Yes! É desta. Um monólogo como deve ser. Vai ficar tudo embasbacado. Vou-me vestir de príncipe. Eu todo engalanado. Até a Ermelinda se vai espantar e a Joaquina e a Felismina, estou mesmo a ver. Elas a olharem para mim e eu ali, de joelhos no chão falando para a imensidão. É noite e eu estou, vejam lá, a falar com os meus botões. Pois, ninguém me ouve. Àquela hora só há uma rua deserta. Está bem. Falo para a lua e isso que tem? Ó noite que me acolhes nos teus braços! Até já tremo.

LEIDI

Eu também tenho um monólogo. Finalmente vou fazer de má.

FILETES

Cá para mim não vai ser muito difícil.

LUAZINHA

Ela não é má, mas parece. Tem muito jeito para isso. Levanta os cabelos, põe as mãos em riste.

Parece um andor na procissão dos anflitos. Tem cara de santa, mas só durante o dia. À noite transforma-se. Ocorrem-lhe pensamentos e desenhos obscuros. Ouve gritos nas sombras.

LEIDI

Assim, estás a ver. Olha como eu vou aparecer. Não conheciam este olhar, pois não? Ficaram impressionados, mas não chorem agora. Quando for a hora, hei-de trazer um vestido roxo quase até aos pés e a minha faca grande. Estava a pensar numa daquelas de cortar o bacalhau. Corta o bacalhau, corta o bom e corta o mau. Estou mesmo a ver a hora do crime. Aproveito a altura em que o Filetes estiver entretido com o seu monólogo.

LUAZINHA

É, é. Estou mesmo a ver. Tu a fazer de mazona e o Flópi de ramona. Estou mesmo a ver. Ni nó ni, ni nó ni...

FLÓPI

Alto lá! Eu a fazer de polícia?! Nem de polícia nem de ambulância. Nem pensar. Estás-te mesmo a armar.

FILETES

Ó Leidi, repete o que disseste. Essa é boa. Apanhares-me a fazer o monólogo? Tu espantas-me, Leidi. E diz-me lá o que é que fazias.

LEIDI

Não me convences, meu cara de monólogo. Tu para mim... Ora sai-te! Quero ver. Até desandas. Ponho-te a dar a volta ao eixo da terra.

TODOS

Ei, lá!

SIDNEI

É, é, não sei porque te metes com ela. Podias ao menos olhar para mim. Não era preciso sempre, só assim um bocadinho. Ou olhas para mim ou eu grito. Pronto! Vou gritar, vou gritar. Até se vai ouvir na América.

FLÓPI

Cala-te tu também. Quanto a ti, apanho-te lá fora. Vai tudo raso. Despenteio-te, canalha. Quando fico furioso, até me engasgo todo.

LÃZINHA

Shôh pra lá.

CONSOLAÇÃO

Bem e se mudássemos de assunto. Não estou a gostar da brincadeira. Olhem, canto-vos uma cançãozinha, está bem? Mas só se estiverem calados. É por isso, é por isso que eu gosto da música. É uma oportunidade que a gente tem de ouvir. Sardão, cala-te! Vês? Estão a ver? Eu não dizia!

SARDÃO

Nós estávamos a falar da peça.

TODOS

É, é. Ó que linda peça!

CANTARINA

Se for preciso cantar eu também gostava de ajudar.
De certeza que vão gostar. Tenho uma cançãozinha muito especial para esta ocasião. Aaaaahhhh...

TODOS

É é. Ólariloléla!

CANTARINA

Então vou ensaiar. Aaahhhaaaaohh...

DÓRIS

Espera aí, espera aí. O Sardão estava a falar. Se não me engano... Estou muito curiosa. A ver, a ver, ele de vez em quando diz coisas que nem as pensa. Ainda é novito. Mas é um belo rapaz. O Escalope já tem noiva, é pena, mas este ainda está por empregar. Hum, hum. Vamos lá a ver o que se vai passar. Todos a ver, tudo muito atento, pois desconfio que o caso se vai dar.

SARDÃO

Anda, Xíni, vamos antes ali para o meio. Dá mais jeito para eu te explicar. Pronto, aqui sentados. Olha para mim. Eu tenho uma coisa para te dizer.

XÍNI

Está bem, diz.

ÍNDICE

| | |
|----|---|
| 5 | Prefácio |
| | Jogar às sombras: método para uma diversão teatral na escola, por Abel Neves |
| 10 | I |
| | Na escola |
| 24 | II |
| | Na floresta |
| 43 | III |
| | Inferno |
| 57 | IV |
| | Viagem |
| 75 | V |
| | A festa |
| 89 | <i>Post Scriptum</i> |